

ENTRE PRIVILÉGIO E SUBMISSÃO: ÓDIO, BRANQUITUDES E GÊNERO

VICTÓRIA OLIVEIRA BASTOS¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – vicbastos.95@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa diz respeito ao trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia e está vinculado ao grupo de pesquisa Pulsional. Este trabalho se propõe a investigar, a partir do método psicanalítico (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006), as reverberações psíquicas, sociais e materiais que a interdição parcial do afeto do ódio imprime na vida de mulheres brancas cisheterossexuais. Para isso, o trabalho olha para as questões de gênero a partir de uma perspectiva racializada, tendo como articulador fundamental o ódio. Partindo da consciência de que “mulher” não é um grupo homogêneo e que abordaremos um pano de fundo específico de um grupo amplo, a branquitude surge como um articulador essencial em intersecção com o gênero. Reconhecendo a complexidade do lugar ambíguo que ocupamos: ora oprimidas, ora opressoras. Dessa forma, atentemo-nos para a exigência social de submissão, de parcimônia e de cuidado do outro que é cobrada pelo *script* cultural (ZANELLO, 2018) às mulheres cishetero brancas. Esse *script* deixa resquícios que vão aprisionando e silenciando as vivências das mulheres cisheterossexuais, contornando as possibilidades de encaminhar os afetos e interrompendo-as, em algum nível, de direcionar ao mundo externo sentimentos tidos como negativos, tais como o ódio. Se nos atentarmos para os caminhos que a interrupção parcial do ódio pode percorrer, percebemos que há uma grande possibilidade de um retorno para si que produz sofrimentos, autodepreciação e culpa.

Nesse sentido, percebemos na prática clínica o quanto que a relação que mulheres cisheterossexuais brancas estabelecem com o ódio sustenta vivências dessemelhantes e similares que desvendam um paradoxo: o ódio que é parcialmente interditado pelos regimes de poder, também traz privilégios que firmam, do mesmo modo, um lugar social de compaixão e apreço. Entretanto, essa dinâmica impõe um custo tão relevante quanto: este processo só ocorre porque há a abertura de mão de si. Portanto, a relevância clínica do presente trabalho se apresenta de forma a colocarmos luz no adoecimento psíquico a partir das questões de gênero e raça dado que as reverberações singulares tomam um sentido coletivo e social. Assim, permitindo uma reflexão quanto à íntima relação entre as lógicas sociais e os sofrimentos vivenciados por mulheres, visando a construção de espaços no campo de saúde mental para o acolhimento e escuta ampliada de mulheres.

2. METODOLOGIA

A fundamentação metodológica está calcada no método psicanalítico (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006) que requer a convicção de que o encontro com objeto de pesquisa (neste caso, a teoria) se dá a partir do entrelaçamento do sujeito pesquisadora situado e localizado, tendo consciência das limitações e perspectivas possíveis (HARAWAY, 2009). Esse entrelace possibilita que o afeto entre pesquisadora e o objeto, que é alicerçado nas reverberações subjetivas possíveis que o encontro com o referencial teórico desperta, deslocando interpretações singulares, ao mesmo tempo que possibilitam transformações recíprocas entre pesquisadora e objeto (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006). Em consonância,

reconhecemos que há um sujeito Inconsciente sob o qual a singularidade da pesquisadora é considerada em que a implicação subjetiva com seu objeto assenta uma relação transferencial na qual o inconsciente se faz presente (MACEDO E DOCKHORN, 2015), possibilitando que “tanto o pesquisador como o referencial teórico podem sofrer importantes transformações” (MACEDO E DOCKHORN, 2015, p. 86). Por fim, a análise proposta neste trabalho lançará mão do conceito de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2022), o qual orienta a percepção acerca dos sistemas de dominação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De início, precisamos conceituar o ódio no âmbito da psicanálise. A metapsicologia de Freud assegura as dimensões que o afeto do ódio perpassa, afirmando que o ódio é elemento da vida psíquica e materializa-se em circunstâncias singulares. Isto posto, inferimos a importância do ódio na constituição psíquica, uma vez que é pela via do afeto do ódio que há a possibilidade de afirmação do Eu mediante o processo de diferenciação e separação do objeto primário (separação Eu-outro). De acordo com Farias (2024), “originalmente o amor corresponde a incorporação no eu dos objetos que são fontes de prazer, já o ódio corresponde a expulsão, o colocar à distância o que causa desprazer, fundamental (...) [para] a distinção entre o interno e externo” (FARIAS, 2024, p. 161). Isto posto, Freud (1915/2023) postula que o ódio interditado/recalcado parcialmente ao objeto externo não desaparece da vida pulsional, assim, um dos direcionamentos possíveis é o retorno sobre si. Tendo isso em vista, a problematização do presente trabalho situa o recalque do ódio em seu arranjo paradoxal que, quando articulado com questões de raça e gênero, expõe o emaranhado complexo que a mulher cisheterossexual branca se encontra na lógica sádico-masoquista: sofre, e esse sofrimento garante algum reconhecimento social, mas também faz sofrer.

Zanello (2018) propõe que pensemos nos *scripts* culturais que vão se firmando através de práticas culturais de existência do que se deve (ou não) ser, como uma maneira correta de agir conforme os valores sociais. Assim sendo, no caso das mulheres cishetero-brancas, toda a lógica social engendrada pelos *scripts* configura um modelo de existência para que o ódio tenha duas vias: ou interditado de ser dirigido para determinados objetos externos ou retornando sobre si. À vista disso, quando parte do destino do ódio é viabilizado, o caminho mais restrito que se apresenta para determinados objetos externos são as facilidades sociais que permitem que odiemos outras mulheres e populações minorizadas. Ao entender que os *scripts* culturais subjetivam (a depender de gênero e raça) os sujeitos de maneiras distintas na sociedade, a repercussão de pensarmos o lugar imposto às mulheres brancas cishetero desemboca na articulação entre branquitude e gênero. Tendo isso em vista, o eu cishetero-branco-feminino é constituído material e simbolicamente calcado nos princípios da branquitude, em que há garantia de privilégios por ser branco. Porém, dentro do grupo da branquitude, há hierarquias que garantem privilégios de homens cisbrancos em detrimento de mulheres cisbrancas, não havendo uma relação igualitária entre os brancos (SCHUCMAN, 2014). Schucman (2014) nomeia de fronteiras internas da branquitude a hierarquia de gênero que é organizada e fundamentada pelos *scripts* culturais, dando valorações diferentes no que tange ser homem cisbranco ou mulher cisbranca.

Todavia, ainda que pensemos na branquitude enquanto um grupo heterogêneo, ao articulá-la com gênero, é indiscutível que há uma série de

privilégios materiais e simbólicos que garantem acessos e benefícios na lógica social, colocando a existência branca no parâmetro de “norma”. Aqui se caracteriza o que Bento (2022) chamou de pacto narcísico da branquitude - acordos não verbais que viabilizam a manutenção dessa lógica de privilégios. Em nossa sociedade calcada em valores cis-hetero-branco-patriarcais-racistas-classistas, a imagem da mulher branca dócil, indefesa e solícita para o outro remonta e garante espaços de apreço social, de estima e de certa proteção em algumas situações, e, paradoxalmente forja uma forma de aprisionamento e assujeitamento que, nas fronteiras internas da branquitude, produzem uma subalternização das mulheres brancas aos homens brancos.

Assim, os *scripts* culturais incidem na forma de condução dos afetos da mulher cishetero branca, articulando mecanismos para que o ódio, próprio as relações afetivas (uma vez que são marcadas pela ambivalência), tenha seu direcionamento facilitado ou para grupos minorizados ou para si. Sendo interditado socialmente apenas para quem está no topo da pirâmide de poder: homens brancos cisheterossexuais. Há uma facilitação social construída pelo sistema de dominação que incentiva a rivalidade feminina, fazendo com que mulheres odeiem umas às outras através de diversos marcadores sociais que vão alterando as formas de ódio e violência que são incididas por mulheres cishetero brancas à grupos minorizados. E também mecanizam, a partir da tentativa de performance de tudo que é passado pelo *script*, um olhar desqualificatório e violento sobre si. Afligindo-se em culpa, a autodepreciação contida pelo ódio retornando sobre si é colada a diversos aspectos da vida da mulher branca cishetero, que vão desde as características físicas e corporais até os papéis que executam no trabalho, na maternidade, nas relações interpessoais, etc.

Dessa forma, parece-nos que para além do pacto narcísico da branquitude, quando abordamos o grupo heterogêneo da branquitude e agenciamos gênero, há um pacto narcísico da branquitude patriarcal que determina graus de opressões distintos no que tange a relação homem cishetero-branco e mulher cishetero-branca. Nessa perspectiva, a análise interseccional (AKOTIRENE, 2022) demonstra que raça e gênero são sistemas de dominação que, em conjunto, vão alicerçar a raiz hegemônica a partir da qual muitas opressões vão se articular. A depender do foco e da análise que queremos realizar, a fonte de dominação e os privilégios acessados serão variáveis, pois, como vimos, as lógicas hegemônicas se articulam de forma complexa para subordinar os sujeitos. Diante de todo o exposto, arriscamos a dizer que uma das principais funções das complexas e paradoxais dinâmicas ligadas ao ódio reveladas nesta pesquisa tem o fim de preservar e sustentar o pacto narcísico da branquitude patriarcal que garante a manutenção dos privilégios dos corpos brancos e cisheterossexuais. Porém, esta proteção tem um custo considerável, dado que é engendrada pela violência, subalternização e sofrimento para as mulheres dos quais os homens cishetero estão protegidos.

4. CONCLUSÕES

Portanto, a lógica social calcada nos princípios do cis-hetero-branco-patriarcado viabiliza e permite que o direcionamento de uma parcela ódio das mulheres cishetero brancas seja facilitado em direção aos grupos minoritários e também a si. E encaminhamos o ódio sem nos dar conta a quem esse mecanismo serve e a quem esse mecanismo protege. É permitido que direcionemos o ódio a nós mesmas, outras mulheres brancas e negras, homens negros, a população LGBTQIAPN+, crianças, mas nunca homens cishetero brancos. Aos homens cishetero brancos são veiculadas imagens de modelos da sociedade a serem

seguidos, amados e respeitados. Os homens cishetero-brancos são a norma e o padrão. E são esses mesmos homens cishetero-brancos que nos aprisionam em identidades subalternas, seguindo o pacto narcísico da branquitude patriarcal, a fim de manter intactos seus privilégios na sociedade. Dessa forma, nossa aposta no presente trabalho parte de uma tentativa de interlocução entre teoria psicanalítica, cultura e clínica que pretende servir de provimento para a construção de um caminho na psicanálise no qual a reflexão crítica seja o motor, viabilizando uma escuta situada apoiada em espaços que acolham e validem o ódio como afeto emancipatório, rompendo com a lógica hegemônica e produzindo, conforme Farias (2024) indica, um trabalho de reconhecimento do ódio, direcionando-o aos objetos externos devidos e, assim, transgredido as leis internas e externas (sociais) que interditam tais manifestações ou as restringem a grupos específicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. (Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro) São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2022.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude** - 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- FARIAS, Camila Peixoto. O problema do ódio e da submissão na clínica psicanalítica com mulheres: sobre o sentimento de culpa e a sociedade patriarcal. In: Lattanzio, F.; Belo, F. (Org.) **Incidências da alteridade e do sexual na clínica psicanalítica: uma abordagem laplancheana**. 1 ed. São Paulo: Zagodoni, 2024. pp (159-175).
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, pág. 257-278, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. (Trad. P. H. Tavares). 1 ed; 8 reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 1915-2023.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, pág 7-41, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>> Acesso em: 31 jan. 2024.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise** (Trad. P. Tamen) - 5. ed - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 1982-2022.
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother; DOCKHORN, Carolina Nelman de Barros Falcão. Psicanálise, pesquisa e universidade: labor da especificidade e do rigor. **Perspectivas em Psicologia: Revista de Psicologia y Ciencias Afines**, v. 12, n. 2, p.82-90, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4835/483547667010.pdf>> Acesso em: 20 de fev. 2024.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2014.
- ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.